

NOTAS AOS ESTUDOS SÓBRE O PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES

O interêsse pelo português falado no Brasil tem suas raízes no sentimento de nacionalismo exaltado que se desencadeou quando dos movimentos em prol de nossa emancipação política. Na busca das origens de uma nacionalidade autêntica procurava-se afirmar a existência de uma "língua brasileira" desvinculada totalmente da língua portuguesa. Isto determinou o aparecimento de não poucos estudos apaixonados que viam herança indígena em todo e qualquer fato lingüístico próprio do português corrente no Brasil (1).

Um intenso ufanismo mascarava a realidade brasileira. Os compêndios escolares (2) engrandeciam a extensão territorial, falavam de um clima ubérrimo, descreviam as riquezas inesgotáveis do subsolo e a fertilidade ímpar do solo.

A busca de uma língua brasileira legítima seria retomada quando da vinda dos primeiros contingentes imigratórios importantes, com os chamados escritores "regionalistas" do pré-modernismo. Esse "regionalismo", aliado ao anterior "indianismo" e contemporâneo "sertanismo", consistiria no dizer de Araripe Júnior nos "símbolos que traduzem literariamente a nossa vida social".

(1) A exaltação do selvícola era tal que elementos proeminentes da Confederação do Equador apuseram ao seu nome de família um sobrenome aborígine. Entre êles Joaquim Ferreira Lima Jitirana, Vitoriano Correia Parangaba, José Francisco Liberal Capibaribe.

(2) Exemplos típicos são os livros didáticos do romancista Joaquim Manuel de Macedo: *Noções de corografia do Brasil*, Rio de Janeiro, Tip. Franco-Americana, 1873, 223 pp.; *Lições de história do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio de Pedro Segundo*, Rio de Janeiro, Tip. Imperial, 1861, 143 pp.

A fundação das chamadas faculdades de filosofia, na década de trinta, veio renovar os estudos lingüísticos e filológicos, reformulando-os em moldes científicos, podendo-se considerar Amadeu Amaral e Antenor Nascentes como figuras isoladas de uma importante etapa intermediária de renovação.

Ainda que tenha sido Domingos Borges de Barros (Visconde de Pedra Branca), diplomata brasileiro, um dos que primeiro tenha voltado suas vistas para o problema do português usado no Brasil, sendo o primeiro a utilizar a denominação "língua brasileira" (3), foram os poetas e prosadores românticos, movidos pelo sentimento nacionalista exacerbado, que mais deram atenção ao assunto. E, a posição tomada por êsse grupo deu origem, mais tarde, a memoráveis polémicas, principalmente com escritores lusitanos; muitas delas estéreis, visando não poucas vezes ao problema da denominação da língua falada no vasto território; língua portuguesa ou língua brasileira? A pretendida autonomia literária dever-se-ia seguir a autonomia lingüística no pensar de muitos.

Esse sentimento de nacionalismo levou alguns autores a posições extremas como foi o caso de João Salomé Queiroga no prólogo de seu livro *Arremedo — lendas e cantigas populares*, publicado em 1873. Pronuncia-se o escritor:

"Dizem que sou acusado por deturpar a linguagem portuguesa. Mais de uma vez tenho escrito que compondo para o povo de meu país, faço estudo, e direi garbo, de escrever em linguagem brasileira: se isso é deturpar a língua portuguesa, devo ser excomungado pelos fariseus luso-brasileiros. *Escrevo em nosso idioma, que é luso-bundo-guarani*" (4).

E mais:

"Quer o Sr. Pinheiro Chagas que falemos português quinhentista, e diz-nos que estamos amesquinhando a língua de Camões. Engano: somos brasileiros, e falamos a língua brasileira. Um brasileiro de hoje produto da mistura das raças de que acima falei, tem tanta semelhança com um português, como um ovo com um espêto" (5).

(3) Denominação encontrada em seu trabalho, parte integrante de *Introduction à l'atlas ethnographique du globe*, de Adrien Balbi, editado em Paris no ano de 1826, onde há também observações reveladoras da corrente nacionalista vigente na época. Pode-se ler: «L'apréte dans la prononciation a accompagné l'arrogance des expressions et conserve encore aujourd'hui en héritage: mais cette langue, transporté au Brésil, se ressent de la douceur du climat et du caractère de ses habitants; elle a gagné pour l'emploi et pour les expressions de sentiments tendres, et, tout en conservant son énergie, elle a plus d'amenité. On peut s'enconvenir en lisant les poésies de Gonzaga, J. B. da Gama et autres écrivains brésiliens».

(4) In José Aderaldo Castello, *Textos que interessam à História do Romantismo*, vol. I, p. 34, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1960.

(5) Idem, p. 41.

Outros literatos da mesma época trataram do tema, porém, de maneira mais comedida. Assim Gonçalves Dias, que no dizer de Herbert P. Fortes, "nem uma só vez chama à nossa língua expressamente portuguesa", ehm se apercebia da realidade lingüística brasileira. Em carta a Pedro Nunes Leal, datada de 1854, a propósito do estilo de Odorico Mendes assim escrevia:

"1.º — a minha opinião é que ainda, sem o querer, havemos de modificar altamente o português; 2.º — que uma coisa fica e deve ficar eternamente respeitada: a gramática e o gênio da língua; 3.º — que se estudo muito os clássicos, porque é miséria grande não poder usar das riquezas que herdamos; 4.º — mas que, nem só pode haver salvação fora do Evangelho de São Luís, como devemos admitir tudo o que precisamos para exprimir coisas novas ou exclusivamente nossas; 5.º — e que, enfim, o que é brasileiro é brasileiro e que 'cuia' virá a ser tão clássico como porcelana, ainda que a não tão bonita" (6).

Exemplo típico da intensidade do sentimento nacionalista foram as palavras contundentes com que a crítica recebeu *Talita*, drama teatral, escrito por Pinto da Rocha que, tratando de tema essencialmente português e no qual, dada sua formação coimbrã, o autor não conseguiu safar-se das influências do ambiente e dos hábitos lingüísticos da antiga metrópole.

A atitude romântica vinha se opor a dos "luso-maniacos, aterrados (que) fundaram em 1876, uma sociedade filológica no Rio de Janeiro com o fim de fixar a língua ou fazê-la volver ao século pela imitação dos belos tipos do áureo período" (7).

No último quartel do século XIX, portanto sob a sensível influência dos cânones românticos e ignorando a atividade da citada sociedade filológica, surgiam trabalhos destinados ao registro dos vocábulos usados comumente no linguajar popular de brasileiro. Revelando por certo, coleta incipiente, à exceção de uns poucos estudos, entre eles os de João Ribeiro (8), de grande utilidade se revelam para as pesquisas de dialetologia. É lícito citar, datando de 1886, *Origens de anexins, prolóquios, locuções populares, etc.*, por Antônio de Castro Lopes, e, do mesmo autor *Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis com um vocabulário analógico português*, publicado em 1889. Neste último ano temos, do Visconde de Beaurepaire Rohan, o *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Do período, são os trabalhos que visavam a afirmar a existência de um dialeto brasileiro.

(6) V. Gonçalves Dias, *Poesia completa e prosa escolhida*, p. 826, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1959.

(7) Serafim da Silva Neto in «Prefácio» a *Futuro da língua portuguesa no Brasil* de Agostinho Gomes, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1948. 166 pp.

(8) Veja-se seus *Estudos filológicos*, publicação de 1884, onde estudou o vocabulário e a fraseologia brasileira em suas origens e aplicações.

Exemplificando, possuímos *O idioma do hodierno Portugal comparado com o Brasil* de Paranhos da Silva, editado em 1873 e *O dialeto brasileiro* de Pacheco Júnior, inserto na Revista Brasileira, tomo V, 1880). Interessante notar-se é que Paranhos da Silva chegou a incluir em seu livro um capítulo intitulado "Tradução em luso-brasileiro de duas poesias de Garrett".

A intensificação da imigração estrangeira, mórmente a italiana, determinou uma revalorização de temas e linguajar nacionais, visto que os recém-chegados adquiriram uma preponderância econômica que levaria a uma marginalização do caboclo. Despontavam desta maneira, como arautos de uma "nacionalidade perdida", retomando a corrente do nacionalismo propugnado pelos românticos, o grupo de escritores regionalistas que representavam diferentes áreas culturais brasileiras, principalmente o nordeste agrário e pastoril, a área cafeeira do centro-sul e a pastoril do extremo sul. A importância que deram ao linguajar típico das respectivas regiões resultou na necessidade de virem muitos dos contos e romances acompanhados de um "vocabulário" permitindo ao não iniciado uma melhor compreensão do texto. A "literatura regionalista" mostra-se como documento lingüístico valioso para os estudos de dialetologia, dado o trabalho acurado na reprodução da linguagem realizado pelos autores. Da honestidade de propósito nos diz Leôncio de Oliveira:

"Concluindo, o que me levou a discorrer ligeiramente sobre os usos, costumes, crenças e linguagem dos nossos sertanejos, neste pequeno estudo, servindo de preâmbulo a tão despretenciosos contos, foi o desejo de que o leitor, ao lê-los, nêles não julgue ver fantasia. Para escrever não fui beber outra fonte, a não ser a verdadeira, entre os mesmos caipiras. É possível que êsses, por defeito de observação, sejam, por sua vez, mal reproduzidos nestas páginas, reservando, contudo, o autor, para si, o mérito de, estudando os nossos patrícios do sertão, procurar ser sincero, e consciencioso" (9).

Manuel de Oliveira Paiva, talvez o melhor representante do grupo nordestino, com seu *D. Guidinha do poço*, publicado póstumamente, surgiu no início do movimento que pretendia dar ao caboclo uma auréola de majestade.

Na área cafeeira, onde mais se fez sentir a presença do contingente estrangeiro, importantes são as obras de Waldomiro Silveira (10), Leôncio Correia (11), Afonso Arinos (12).

(9) V. Vida Roceira, pp. 97-98, São Paulo, 1919.

(10) Escreveu série infindável de contos esparsos por jornais e revistas. Muitos deles foram enfileados em livros com os títulos de *Os caboclos*, 1920; *Mixuanços*, 1937; *Lerêias* (publicação póstuma), 1945.

(11) Pesquisador incansável do folclore lançou, em 1919, *Vida roceira* (contos regionais).

(12) Primou principalmente pela reprodução fiel da sintaxe sertaneja. De sua autoria são: *Pelo sertão* (contos), 1898; *Os jagunços* (romance), 1898; *Histórias e paisagens* (contos), 1921.

Com *Cancioneiro guasca*, *Lendas do Sul*, *Contos gauchescos* e outros, Simões Lopes Neto pontificou no sul. Aliás o Rio Grande do Sul é o Estado brasileiro onde mais se cuidou e se cuida do levantamento do linguajar corrente, principalmente no que diz respeito ao falar do lidador de gado. Leia-se José Antônio do Vale, Apolinário Pôrto Alegre, José Bernardino dos Santos, Alberto Cunha, João Cezimbra, Luiz Carlos Lessa, Darcy Azambuja, com seus romances, contos e adagiários (13).

Constituiu-se, sem dúvida, o lançamento de *O dialeto caipira — gramática, vocabulário* de Amadeu Amaral, em 1920 (14), em um marco de renovação dos estudos do português falado no Brasil. Ainda que não afeito às lides lingüística, o literato paulista soube bem valorizar sua pesquisa dialetológica, analisando globalmente o falar caipira paulista, levando em conta diversos aspectos lexicológicos, morfológicos e sintáticos. Mesmo não dando maior atenção aos fatos fonológicos e não tendo efetuado pesquisas de campo, a contribuição do autor de *Espuma* é deveras importante, observada a meticulosidade com que organizou seu estudo. As recomendações contidas em carta enviada ao Prof. Francisco Damante (15), um de seus informantes, evidencia sua probidade intelectual.

Escreveu Amadeu Amaral em novembro de 1920:

- a) colher de preferência versos que correm no seio do povo, repetidos anonimamente;
- b) escrevê-los sem modificação alguma;
- c) quando colher versos de autor conhecido, declará-los expressamente, para não se confundirem com êsses que correm de boca em boca e cuja procedência em regra se ignora;
- d) apanhar também os versos, refrãos, parlendas, etc. das crianças;"

Essas recomendações, que em linhas gerais constam de modernos manuais metodológicos, mostram o caráter científico que norteava os trabalhos do poeta de Capivari.

Após *O dialeto caipira* foi lançado, em 1922, no cenário lingüístico brasileiro *O linguajar carioca* de Antenor Nascentes, fruto da reunião de artigos publicados na *Revista do Brasil*, sendo que uma edição refundida data de 1958.

(13) Para levantamento completo das fontes consulte-se Dante de Laytano: «Vocabulários brasileiros — glossários de termos regionais da língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul», *Veritas*, ano III, n.º 3-4, pp. 305-328, Pôrto Alegre; «Pequeno esboço de um estudo do linguajar do gaúcho brasileiro», *Veritas*, ano VI, n.º 3, pp. 293-365, Pôrto Alegre, 1961.

(14) São Paulo, Casa Editora O Livro. Em 1955, através da Editora Anhembi, Paulo Duarte organiza a segunda edição. Antenor Nascentes ao lhe dedicar seu livro *O linguajar carioca* escreve: «A Amadeu Amaral que no *Dialeto Caipira* mostrou a verdadeira diretriz dos estudos dialectológicos no Brasil».

Levando sua investigação a um plano mais elevado que Amadeu Amaral, deu mais importância à sintaxe e à fonética do que à lexicologia, devendo ser considerado como renovador das indagações dialetológicas no Brasil e foi o primeiro brasileiro citado no exterior por trabalhos dessa natureza.

Não só em *O linguajar carioca* a figura do mestre se agiganta. Suas obras filológicas (16) são pioneiras e inovadoras. "Pioneiras por ser ele iniciador de vários estudos que, até então, não foram empreendidas ou apenas o foram deficientemente, inovadoras por estudarem a língua viva e os fenômenos dialetais" (17). Como membro da Comissão de Filologia do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa conseguiu o concurso de Sever Pop para ministrar, em 1954, um curso de dialetologia. Nesse mesmo ano elaborou um "questionário típico brasileiro", publicado mais tarde em dois volumes sob o título de *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*.

A fundação e disseminação de faculdades de filosofia em diferentes pontos do país possibilitaram o aparecimento de grupos e de pesquisadores isolados, interessados em pesquisas de campo visando a elaboração de vocabulários regionais e especiais, de monografias etnográfico-lingüísticas e também de atlas lingüísticos. A tarefa que levam a cabo tanto mais se afigura importante quanto maiores são os fatores adversos com que deparam. A respeito transcreva-se o que afirma Antenor Nascentes na apresentação do citado questionário:

"Poucos sabem aqui o que é a geografia lingüística, qual é o valor de um atlas, qual é a sua necessidade para a solução de múltiplos problemas e dos que sabem, poucos dão importância a estas questões".

Mas, a campanha sistemática em prol da dialetologia no Brasil deve-se a Serafim da Silva Neto, que desde 1943 teve sua atenção voltada para tal campo da ciência lingüística em seus cursos na Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sua batalha não parou nos umbrais daquele centro de

(15) Francisco Damante, entusiasta dos fenômenos folclóricos, colaborou com Amadeu Amaral principalmente na elaboração de *Tradições populares*, a que se refere a transcrição de um trecho de carta. Veja-se a proposta Hélio Damante in «Perfil de Amadeu Amaral», *Revista do Arquivo Municipal*, vol. CXXV, p. 81, São Paulo, 1949.

(16) Alguns trabalhos (as datas referem-se às primeiras edições): *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, 1932; *A expansão da língua portuguesa no Brasil*, Rio de Janeiro, 1938; *Tesouro da fraseologia brasileira*, São Paulo, 1945; *Dicionário básico do português do Brasil*, Rio de Janeiro, 1949; *Métodos de estudo e de pesquisa em matéria de filologia portuguesa*, Belo Horizonte, 1951; *A pronúncia brasileira da língua portuguesa*, Paris, 1952; *Lheísmo no português do Brasil*, Santiago do Chile, 1960.

(17) Zdenek Hampejs, «Tres aspectos da obra de Antenor Nascentes», *Letras*, n.º 12, p. 3, Curitiba, 1961.

ensino e pesquisa. Quando da realização do Primeiro Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros (Washington, 1950) disse da urgência de se organizar o Atlas Lingüístico de Portugal e Ilhas, e de se desenvolverem no Brasil as pesquisas de campo. Para melhor difundir suas idéias Alegre, Manaus, Florianópolis (18). Ponto culminante de seu apostolado é a fundação, em 1953, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, quando da Primeira Reunião Brasileira de Antropologia, do Centro de Estudos de Dialetoologia Brasileira que deveria criar mentalidade dialetológica, fomentar indagações e anualmente patrocinar curso da matéria (19).

Graças aos esforços de vários lingüistas, em 1958, é criado o Setor de Lingüística da Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Entre seus objetivos destacam-se: a) organizar a bibliografia crítica dos falares portugueses regionais do Brasil; b) organizar os materiais referentes a cada falar regional; c) promover as classificações lingüísticas na base desses materiais; d) executar, dirigir ou orientar pesquisa de ordem lingüística; e) organizar cursos de pós-graduação sobre lingüística geral, fonética ou técnica de trabalho lingüístico de campo, a fim de preparar pessoal habilitado para os estudos, as pesquisas e o tombamento dos falares portugueses regionais do Brasil (20). Desde logo foi o Setor dirigido por Joaquim Mattoso Câmara Júnior, delineador no Brasil dos modernos estudos de lingüística geral.

Um significativo exemplo da orientação científica dada por Mattoso Câmara é a comunicação de Miriam Lemle, intitulada "Os alofones surdos das vogais átonas na fala do Rio de Janeiro", apresentada à Sexta Reunião Brasileira de Antropologia (São Paulo, 1963).

Por certo seria incorrer em injustiça deixarmos de fazer referência a duas iniciativas anteriores que todavia não alcançaram êxito.

A *Revista Filológica do Rio de Janeiro*, em colaboração com a Academia Carioca de Letras, elaborou um plano de trabalhos preparatórios para levantamento da geografia lingüística do Brasil. Esse levantamento seria realizado por intermédio de questionários impressos, enviados a professores, párocos e intelectuais residentes nos mais diferentes pontos do país, contendo perguntas a respeito do "vocabulário de cada região, da fonologia local, da morfologia e sintaxe regionais". Ia mais longe a pretensão dos dois organismos. Intentavam fundar um Instituto de Geografia Lingüística do Brasil.

(18) Os trabalhos do saudoso filólogo e lingüista alinham-se como indispensáveis e de leitura obrigatória na parca bibliografia metodológica em língua portuguesa sobre o tema em foco. Citamos para exemplificação *Guia para estudos dialetológicos*, Florianópolis, Faculdade Catarinense de Filosofia, 1955, 48 pp. «Estudos de dialetologia» in *Manual de filologia portuguesa*, pp. 199-279, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957, 2.^a ed.

(19) V. *Revista Brasileira de Filologia*, vol. 1, tomo I, p. 83, Rio de Janeiro, 1955.

(20) Lê-se outras considerações acerca do Setor de Lingüística in «Dez anos após a I Reunião Brasileira de Antropologia» por Luis de Castro Faria, *Revista do Museu Paulista*, vol. XIV (nova série), pp. 26-28, São Paulo, 1963.

Cândido Jucá Filho e Modesto de Abreu divulgaram em 1937, através do *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* (veja edições de 21 de maio profere palestras e dita curso da especialidade em Belo Horizonte, Pôrto e de 10 de junho), o "plano de trabalhos preparatórios para a Geografia Lingüística do Brasil". A iniciativa também não teve o resultado esperado.

Importante trabalho de equipe e dentro de orientação científica moderna, vem sendo pôsto em prática por Nelson Rossi, da Universidade da Bahia, onde criou e instalou o mais completo laboratório de fonética do Brasil (21).

Em 1964, publicou o *Atlas prévio dos falares baianos*, preparado entre 1960 e 1962, baseado em investigações efetuadas em cinqüenta localidades (cidades, vilas e povoados) das mais diversas zonas fisiográficas. Consta de 209 cartas, das quais quinze podem ser consideradas como introdutórias, havendo ao final quarenta e quatro cartas-resumo. Distribuídos por cento e cinqüenta e quatro cartas, são apresentados 146 vocábulos que pertencem a quatro esferas semânticas: homem biológico, pecuária, terra e vegetais.

Ainda ao que podemos chamar de grupo de pesquisa é de todo necessário a referência aos trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Indagações Dialetológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bauru, criado em 1961, e por Cília Pereira Leite (Madre Maria Olívia) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", de São Paulo.

O referido Centro, editor do Boletim "Ajuri", que até o momento alcançou cêrca de uma dezena de números, levou a efeito uma série de investigações em diferentes Municípios dos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Madre Maria Olívia, responsável pelo Centro de Pesquisas Lingüísticas "Sedes Sapientiae", tem seu campo de ação na metrópole paulistana (22). Das pesquisas efetuadas por estudantes dos cursos de letras sob sua orientação cabe destacar a aplicação do "Inquérito fonético-lexical a respeito do vocabulário lúdico" (23) entre 197 meninos de dez e onze anos de idade.

O Rio de Janeiro foi uma grande cidade brasileira que mereceu atenção de um lingüista, na pessoa de Joaquim Mattoso Câmara Júnior. De suas

(21) V. Nelson Rossi in «Laboratório e fonética na Bahia. Breve notícia sobre sua criação e instalação», *Revista do Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Coimbra*, n.º 4, pp. 207-209, 1958; Nadja Andrade in «Laboratório de fonética», *Arquivos da Universidade da Bahia* (Faculdade de Filosofia), vol. VII, pp. 143-147, Salvador, 1963.

(22) Dos pouquíssimos trabalhos de investigação lingüística realizados na cidade aponta-se o de Silveira Bueno: «Influência italiana na fala de São Paulo», *Jornal de Filologia*, ano I, vol. 1, n.º 1, pp. 3-16, São Paulo, 1953.

(23) V. «Um inquérito lingüístico em São Paulo, e outras considerações ao correr da pena», *Revista da Universidade Católica de São Paulo*, vol. XX, fasc. 36, pp. 500-515, São Paulo, 1960; «Quisemos observar a língua viva», *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae"*, n.º 19, pp. 71-83, São Paulo, 1961-1962; «Pesquisa lingüística em São Paulo», *Idem*, n.º 20, pp. 31-42, 1962-1963.

publicações cumpre mencionar *Para o estudo da fonêmica portuguesa* (Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953) e "Erros de escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro" (24).

No último trabalho citado, analisou composições escolares de grau médio "a fim de destacar os erros mais freqüentes e constantemente repetidos, como índice de tendências lingüísticas da língua coloquial culta, que nessas crianças está sedimentada como linguagem transmitida (Bally) no meio familiar" (25).

Heinrich Bunse, Mercedes Marchand, Propício da Silva Machado, Walter Spalding e José Pedro Rona muitas investigações efetivaram sobre o falar riograndense do sul.

Aspectos lingüístico-etnográficos do Município de São José do Norte, datando de 1959, é a primeira monografia do tema publicada no Brasil. Seu autor, Heinrich Bunse, professor da Universidade do Rio Grande do Sul, é dos que mais enriqueceram a bibliografia dialetológica brasileira (26).

Mercedes Marchand, diretora do Instituto de Português para Estrangeiros da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em "Análise comparativa ortográfico-morfológico-sintática de composições de 4.º ano primário em uma área de colonização alemã e em uma área luso-brasileira" (27) dá mostra de seu labor fecundo e não olvidou, à semelhança de Heinrich Bunse, de toda a gama de fatos culturais que influenciam o linguajar. Analisou oitenta e nove composições de crianças de escolas primárias procurando "ver se a aprendizagem da língua portuguesa, em nível primário, em uma área rural, apresenta os mesmos problemas para crianças descendentes de um grupo étnico que não o luso-brasileiro e para crianças luso-brasileiras" (28).

Ainda que não profissional no terreno da filologia e da lingüística, Propício Machado é estudioso que se destaca, dando às suas pesquisas orientação e interpretação histórica (29).

(24) In *Romanistisches Jahrbuch*, n.º 8, pp. 279-286, Hamburg, 1957.

(25) *Idem*, p. 279.

(26) De seus escritos assinalam-se: «Palavras e expressões empregadas nas minas carboníferas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina» (In *Boletim do Centro de Estudos Filológicos*, n.º 1, pp. 53-61, Porto Alegre, 1955); «A terminologia da cana-de-açúcar no Rio Grande do Sul» (In *Revista Brasileira de Filologia*, vol. 3, tomo 2, pp. 183-192, Rio de Janeiro, 1957); «Notas lingüístico-etnográficas sobre a pesca em algumas praias do Brasil-sul» (In *Veritas*, ano III, pp. 145-153, Porto Alegre, 1958); «Notas lingüístico-etnográficas sobre a erva-mate no Rio Grande do Sul», lido no Primeiro Congresso Brasileiro de Dialetologia e Etnografia. Deste Congresso é lamentável que poucas tenham sido as comunicações publicadas. Bom número de trabalhos valiosos continuam inéditos.

(27) In *Veritas*, ano VIII, n.º VIII, pp. 291-339, Porto Alegre, 1965.

(28) *Idem*, p. 331.

(29) V.: *O gado e o gaúcho — estudo étimo-analógico e histórico*, 1953; *Origem de alguns termos do vocabulário sul-riograndense*, 1958; *O gaúcho na história e na lingüística*, 1966; *Dicionário etimológico de vocábulos sul-riograndenses* (em preparação).

Estudos lexicográficos sobre a persistência de elementos clássicos no linguajar popular é o tema preferido por Walter Spalding. Afirma que "afora a formação de vocábulos próprios da região, no Rio Grande do Sul tem a linguagem mais duas características: 1.º) mudança de significado de palavras do português clássico; 2.º) conserva, em seu modo de falar, palavras obsoletas, trazidas do continente e das ilhas pelos primeiros povoadores" (30).

Seguindo de perto os postulados da antropologia lingüística, José Pedro Rona, da Facultad de Humanidades y Ciencias de Montevideo, divulgou estudos sobre o linguajar típico da área fronteira uruguaio-brasileira, onde temos a formação de um dialeto intermediário mesclado (português × castelhano), o que permitiu ao autor afirmar que as futuras pesquisas para o Atlas Lingüístico do Brasil não podem se deter na fronteira (31).

Aspectos do linguajar cearense têm merecido meticulosa atenção de Florival Seraine. Um de seus trabalhos publicados "Contribuição ao estudo da pronúncia cearense" (32), já dava mostra cabal de sua formação científica. Especial cuidado tem revelado pela persistência dos indigenismos no falar comum, estudando também com proficiência e toponímia (33).

Não podemos deixar de considerar as contribuições de estudiosos estrangeiros para o melhor conhecimento do português falado no Brasil, e, entre eles: Robert Hall Jr. (34), David W. Reed (35), Harriet S. Hutter (36),

(30) In «Arcaísmos portugueses na linguagem popular do Rio Grande do Sul», separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. 5, 45 pp., Angra do Heroísmo, 1947. Consulte-se também «O linguajar popular brasileiro especialmente do Rio Grande do Sul e o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende», Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula, vol. I, pp. 334-377, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1957.

(31) Publicou: «El dialecto fronteirizo del norte del Uruguay» (Montevideo, 1959); «El problema de la frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay», Organon, n.º 7, Porto Alegre — no prelo; «La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay, Veritas, ano VIII, n.º 2, pp. 201-218, Porto Alegre, 1963; «Gaucho Cruce fonético de español y portugués», Revista de Antropología, vol. 12, n.º 1 e 2, pp. 87-98. São Paulo, 1964.

(32) Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada, pp. 439-484, São Paulo, Departamento de Cultura, 1938.

(33) Entre outros estudos divulgados destacam-se: Estudos cearenses — temas de linguagem, Fortaleza, 1948, 118 pp.; «Estudos de lexicografia e semântica cearenses», Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, vol. III, pp. 137-231, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1951; Dicionário de termos populares — registrados no Ceará, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1959, 236 pp.; «Toponímia cearense», Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III, pp. 471-512, Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1952.

(34) «Occurrences and orthographical representation of phonemes in Brazilian Portuguese», Studies in Linguistics, vol. 2, pp. 6-13, New Haven, 1943.

(35) Reed, David and Leite, Yolanda — «The segmented phonemes of Brazilian Portuguese: standard paulista dialect», in Phonemics de Kenneth L. Pike, pp. 194-202, Ann Harbor, University of Michigan Press, 1947.

(36) Kahane, Henry and Hutter, Harriet S. — «The verbal categories of colloquial Brazilian Portuguese», Word, n.º 9, pp. 16-44, New York, 1953.

I. S. Revah (37), Thomas Hart Jr. (38), Zdenek Hampejs (39), Bernard Pottier (40), Earl Thomas (41), Frederico Hansey (42).

Por certo muitos são os problemas que retardam o desenvolvimento da dialetologia no Brasil. Ressaltam a falta de cursos especializados de dialetologia e de geografia lingüística, inexistência de um maior intercâmbio entre os pesquisadores, o que produz desconhecimento dos trabalhos em elaboração, carência de um levantamento bibliográfico exaustivo. Muito concorreria para a solução, pelo menos em parte dos problemas, realização periódica de congressos ou reuniões.

Muito mais se fez. Levantamento bibliográfico por nós encetado permitiu a coleta de cerca de 260 títulos (extratos de conferências, comunicações, artigos, teses, monografias, etc.). Porém, mais considerações fugiriam ao nosso propósito que foi o da apresentação de uma visão panorâmica e esquemática do que se tem feito no Brasil, no campo da dialetologia.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E NÃO CITADA NO TEXTO

- CASTILHO, Ataliba T. de — «Estudos lingüísticos no Brasil». Alpha, n.º 2, pp. 155-143, Marília, 1962.
- ELIA, Silvio — *Ensaio de filologia*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1963. 318 pp.
- SENNA, Homero — *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura (Serviço de Documentação), 1953, 45 pp.
- SILVA NETO, Serafim da — *Língua, cultura e civilização*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1960, 304 pp.
- SILVA NETO, Serafim da — *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1963, 272 pp.

(37) Révah, I. S. — «Formation des parlers judéo-espagnols des Balkans: comparaison avec la formation des parlers brésiliens», *Primeiro Simpósio Brasileiro de Filologia Românica*, Rio de Janeiro, 1958; «Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVI-XVII siècles?», *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, pp. 273-291, Lisboa, 1959; «La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien. Les parlers populaires brésiliens doivent-ils être considérés comme des parlers créoles ou semi-créoles?», *Romania*, vol. LXXXIV, n.º 4, pp. 433-450, Paris, 1963.

(38) Hart, Thomas — «The overseas dialects as sources for the history of portuguese pronunciation», *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, p. 271, Lisboa, 1959.

(39) Hampejs, Zdenek — «Alguns neologismos e peregrinismos do português do Brasil», *Letras*, n.º 12, pp. 49-66, Curitiba, 1961.

(40) Pottier, Bernard — «La langue des capitales latino-américaines», *Cara-velle*, número especial, pp. 90-98, Toulouse, 1964.

(41) Thomas, Earl — «Emerging patterns of the Brazilian language», in *New perspectives of Brazil*, pp. 264-297, Nashville, Vanderbilt University Press, 1964.

(42) Hensey, Frederico — «Considerações metodológicas na análise da influência castelhana no português», *Veritas*, ano X, n.º 2, pp. 142-154, Porto Alegre, 1965.